

mudar a



vida

publicação do graal

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



DIZER DEUS (1)

EXPLORAR OS POSSÍVEIS

Que a palavra Deus existe no nosso vocabulário (única afirmação incontestável sobre Deus; qualquer outra foi ou pode ser contestada).

Que esta palavra — dado que existe — tem um significado.

Que o significado da palavra Deus é equívoco.

Que para esclarecer o equívoco é preciso explorar até ao limite todos os possíveis.

Que a questão de Deus pode ser posta.

Que, se a questão se põe, põe-se carregando em si os equívocos do significado da palavra Deus.

Que a questão de Deus é, portanto, em primeiro lugar: o que é Deus?

Que esta questão se pode também formular perguntando: quem é Deus?

Que a questão de Deus é em segundo lugar: será que ele existe?

Que as duas questões podem envolver-se mutuamente, criando um círculo: porque reconhecer que ele existe depende do que se acredita que ele é, mas conhecer o que ele é depende da via pela qual se chega a reconhecer que ele existe.

Que a questão de Deus só se torna real através de uma caminhada afectiva, pela qual o homem se compromete e se arrisca a fazer de Deus a verdade, qualquer que ela seja.

Que a questão de Deus só se torna verdadeira quando se ultrapassa o equívoco inicial que faz com que o próprio sentido da questão escape, à partida, a quem a põe.

Que fazer avançar a questão de Deus é, portanto, pôr em movimento, des-instalar aquele que a coloca.

Que a elucidação da questão de Deus passa pelo

esclarecimento de tudo o que existe no homem, segundo as exigências próprias do trabalho de procura da verdade.

Corolário: não há, sobre Deus, propostas neutras.

Quer dizer: qualquer tomada de posição sobre Deus compromete todas as forças, todas as escolhas, todas as limitações, todo o inconsciente do homem.

Corolário: pretende mostrar a verdade ou falsidade de qualquer afirmação sobre Deus compromete, de cada vez, toda a vida humana.

Que a questão de Deus é, portanto, em cada ser humano, original e diferente.

Que a questão de Deus é, portanto, sempre nova.

Que se pode dizer: Deus.

Que, se se diz Deus, é em relação ao conjunto das significações possíveis da palavra Deus.

Que a palavra Deus pode ser um substantivo comum e remeter para a diversidade dos deuses, segundo os seus nomes próprios.

Que a palavra Deus pode remeter para a divindade, o inefável, que desafia todas as denominações particulares.

Que Deus pode ser o nome próprio do Único.

Que cada vez que nomeamos Deus, é por uma escolha, consciente ou não, do conjunto das significações possíveis.

Que a significação conscientemente presente pode esconder as significações inconscientes mas reais.

(Assim, o monoteísmo pode encobrir um politeísmo subsistente; a fé no Deus amor pode esconder o medo do deus cruel; o cristianismo pode encobrir o deísmo ou vice-versa, etc.)

Que Deus remete necessariamente o homem ao humano total e a todo o inconsciente humano.

Que todas as figuras do inconsciente, normalmente inacessíveis, se podem projectar no inacessível divino.

Que dizer Deus é, portanto, a operação dura e complexa pela qual o homem passa para além dos equívocos da palavra Deus.

Que esta operação implica que o homem faça em si mesmo a verdade, segundo as exigências próprias do trabalho de procura da verdade.

Que dizer Deus é a operação simples pela qual se abre o campo de tudo o que se refere a Deus.

Que se pode não dizer Deus.

Que não nomear Deus é uma posição muito mais radical que todas as posições negativas que nomeiam Deus (caso do ateísmo).

Que não nomear Deus pode ser pura ausência: Deus é simplesmente aquilo em que nunca se pensou.

Que é possível falar de Deus ou dos deuses como objecto de cultura, sem nunca nomear, verdadeiramente, Deus.

(Por outras palavras: que a ausência de interesse por Deus como Deus permite falar dele sem qualquer implicação pessoal.)

Que o estudo das religiões ou das teologias, enquanto ciências humanas, pode ser a maneira perfeita de não nomear Deus.

Que não nomear Deus pode ser apagamento.

Que o apagamento pode ser negativo: passagem à pura ausência.

Que o apagamento pode ser positivo: liberto de todas as reduções impostas pelas linguagens humanas, deus passa enfim a ser Deus.

Que este apagamento, eliminando o próprio nome de Deus, pode dar a sensação de uma ausência pura.

Que a diferença entre ausência pura e apagamento positivo é, no entanto, a maior que se possa imaginar: na ausência pura, o nada; no apagamento positivo, a vida ou a morte, de forma absoluta.

Que esta diferença é muito mais radical que a que separa o teísmo do ateísmo, os quais, tanto um como outro, nomeiam Deus.

Que o apagamento positivo se inscreve no homem na angústia primordial da sua vinda ao mundo como ser humano: quer dizer: **ser de palavra**, que não pode deixar de dizer o sentido do mundo e o sentido de si mesmo no mundo.

Que a interpretação do apagamento de Deus não pode fazer-se do exterior; só pode fazer-se na palavra de quem está implicado nele, segundo o seu movimento de verdade.

Que o apagamento de Deus supõe que, em qualquer parte e num qualquer tempo, Deus tenha sido nomeado.

Que não é impossível que aquele que apaga Deus venha a nomeá-lo de novo, mas de outro modo e num outro lugar.

Que pode mesmo retomar as mesmas palavras que anteriormente serviram para nomear Deus.

Que a diferença entre a primeira forma de nomear Deus e a segunda parece ínfima, mas é, na verdade, abissal.

Que essa diferença é causa de mal-entendidos absolutos, que nenhum discurso sobre Deus parece capaz de dissipar, porque só conhece a diferença quem efectivamente passou pela experiência do apagamento.

Que Deus é, por excelência, o lugar onde o homem experimenta a ilusão.

Que a ilusão sobre Deus separa o homem de si mesmo e dos outros seres humanos.

Que a obra de desilusão nunca está terminada.

Que a obra de conhecimento de Deus liberta no homem a sua força.

Que esse processo cria, entre os humanos, a relação livre.

DO NOME

Podemos dizer Deus servindo-nos de outros nomes.

Todos esses nomes são uma tentativa do nosso pensamento de tirar Deus do equívoco.

Assim, Deus como Deus (independentemente dos seus atributos ou das suas obras) pode ser chamado:

- Ser
- Princípio, a Origem
- Fim, o Último
- Transcendente, o Altíssimo
- Imanente, o Todo-presente, o Todo
- Profundo, o Abismo
- Espírito
- A Ideia
- Bem
- Um
- Absoluto
- Infinito
- A Substância
- Sujeito (o Sujeito de Tudo, o Sujeito dos sujeitos)
- Outro, o Totalmente Outro
- Nada
- Inacessível
- Ele.

e muitos outros nomes, parecidos e diferentes.

Os nomes de Deus podem, antes de mais, ser percebidos na sua **diferença**.

Assim, se Deus é o **Ser**, a vida verdadeira é deixar-mo-nos preencher pela sua presença e pelo seu cântico, sem que nenhum projecto nem nenhuma ocupação obsessiva venha cegar-nos ou perder-nos.

Se Deus é o **Princípio** (entendido como princípio criador) tudo o que existe é bom, incluindo o próprio homem — corpo e alma. Em contrapartida, nem o mundo, nem nada no mundo, é divino. (Justo equilíbrio em que o amor das criaturas, embora real, não se fecha sobre si mesmo).

Se Deus é a **Substância**, nada, para a inteligência que se quer justa, é alheio a Deus. A liberdade é a necessidade compreendida e assumida.

Se Deus é o **Sujeito**, toda a história do mundo é desdobramento da subjectividade divina que vai ao encontro de si mesma. Tudo tem razão de ser, mesmo a guerra. A questão para nós é, compreendendo isso mesmo, tornarmo-nos senhores do nosso destino.

Se Deus é o **Outro**, ele está separado de nós de forma absoluta e é, em virtude dessa mesma separação, essencial à nossa existência. A vida justa é o reconhecimento do outro, humano, como lugar onde para nós se revela a presença do Outro.

Se Deus é o **Nada**, a sua ausência total de tudo o que nos determina implica a nossa liberdade criadora. Conhecer Deus é então para o homem actualizar-se a si mesmo.

Et coetera.

Quadro sumário e perfeitamente contestável. Apenas nos interessa reter uma coisa: que a palavra pela qual se designa Deus define tudo e, nesse tudo, o homem.

Há nomes de Deus que são intoleráveis, que nenhuma polinomia pode acolher. Tais como: Deus é o Feroz, Deus é o Louco, Deus é a Morte.

A sua exclusão decorre do axioma: Deus não pode ser aquilo que o homem, para ser ele próprio, tem que recusar.

Aos nomes de Deus intoleráveis correspondem teologias igualmente intoleráveis e confirmadas como tal pelo modo de ser humano que lhes corresponde.

Por exemplo: se Deus é a Morte, a verdade no homem é suicidária; se Ele é o Feroz, a ordem é sadismo; se é o Louco, qualquer lei ou limite salta. E assim por diante.

Mas as teologias aberrantes podem estar inconscientemente presentes, podem perverter até alguns dos nomes justamente atribuídos a Deus.

Assim Deus, qualquer que seja o seu nome, pode tornar-se a projecção fantástica dos nossos medos e invejas, o verbo obscuro e obscurizante das relações infelizes entre os humanos, dos seus conflitos inconfessáveis e inexplicáveis. Deus pode cobrir tudo.

Assim o Deus Princípio pode converter-se em Deus déspota; o Deus Ser em proprietário de tudo; a Substância em narcisismo absoluto; o Infinito em negação dos limites; o Outro em objecto do transfert impossível e bloqueado; o Sujeito em opressão total dos sujeitos humanos. E assim por diante.

Trazer à luz do dia o desconhecido ultrapassa a força de todo o discurso ou saber sobre Deus. E isso só é possível mediante o trabalho que o homem opera em si mesmo para aí fazer a verdade do nome que dá a Deus.

Trabalho sempre necessário. Se ele fica por realizar ou se falha, Deus pode tornar-se a desgraça do homem.

EXERCÍCIO I

Dizer: Deus

Deixar vir à tona do espírito todas as imagens, todos os pensamentos.

Ir até ao ponto onde toda a imagem, todo o pensamento sobre Deus desaparece e nada os substitui.

Nota: o exercício nunca resulta. Há demasiadas censuras. Demasiados riscos. Convém mesmo — quer se acredite em Deus quer não — não se aventurar no exercício sem prudência e sem um guia experimentado.

DA IMAGEM

Porque o homem é corpo, ele tem sempre uma imagem de Deus.

Se se toma a imagem pelo próprio Deus, é a idolatria. Quer dizer: projecção em Deus daquilo que é inconsciente em nós.

Há muitas imagens de Deus.

Tomar essas imagens por Deus leva a imaginar muitos deuses: é o politeísmo.

O politeísmo pode ser mascarado e esconder-se sob um nome único de Deus.

Inversamente, o politeísmo aparente pode significar apenas uma pluralidade de imagens de Deus — plu-

ralidade necessária para evitar a idolatria. (Ex.: se Deus é pai, ele é também mãe, esposo, companheiro. E é também luz e abismo, etc.).

A imagem de Deus não fala unicamente à vista; fala a todos os sentidos, todas as necessidades do corpo, todas as forças do desejo; fala segundo todo o corpo do homem.

E não apenas segundo o homem, mas segundo tudo o que o homem pode sentir e conhecer no universo.

A imagem de Deus não é inerte. Manifesta-se no agir onde o homem vive o seu desejo e as suas relações primordiais.

Está portanto presente quando o homem respira, come ou bebe, se levanta e anda, dorme ou acorda

fala, escuta, une o seu corpo a outro corpo, maneja os seus utensílios de trabalho, celebra ou combate, nasce ou morre.

Deus pode, assim, ser primordialmente conhecido como espaço onde respirar livremente, alimento da fome essencial, bebida da sede essencial, força que nos mantém de pé, palavra e escuta anteriores a tudo, poder de amar e de criar novos seres, cálculo dos mundos, convocação de todos os humanos, princípio do combate, passagem para além da vida morta.

A imagem de Deus é sempre, portanto, mais que palavra: é visão, gesto, canto, dança, obra e silêncio. Está aquém das palavras. Linguagem anterior às linguagens.

A imagem de Deus só é verdadeira quando se apaga.

Há um apagamento negativo, onde a pretensão supressão da imagem de Deus é, de facto, enterro das imagens arcaicas do inconsciente.

Há um apagamento positivo: acesso àquilo a que, à falta de melhor, chamamos simbólico, poético, ou mesmo mítico ou místico.

O símbolo encobre a imagem e o que ela não é, de tal modo que o visível revela, sem o mostrar, o invisível.

Assim entendido, o símbolo é a realidade primordial pela qual o homem vem ao mundo como homem e atravessa a angústia primeira.

Não é um elemento isolado. Cada símbolo adquire o seu sentido no todo que é o poema de Deus.

Edificar o poema de Deus é construir a imagem para a apagar, apagá-la para conhecer Deus.

Apagamento da palavra e apagamento do próprio

símbolo, de tal modo que a imagem de Deus se não distingue da imagem do homem, na sua verdade una.

O poema de Deus acontece pela palavra humana.

UM POEMA DE DEUS

Há sempre no homem um poema de Deus, conhecido ou desconhecido.

Por outras palavras: o homem não pode passar sem um conjunto simbólico onde a função divina é, de algum modo assumida; onde o lugar divino é, de algum modo, ocupado.

Por isso, há sempre lugar para procurar qual é, em cada homem, mesmo escondida e aparentemente invisível, a imagem de Deus.

Há imagens de Deus intoleráveis ou atrozes: Deus Pai devorador dos seus filhos, Deus Mãe abusiva e cruel, Deus sózinho debruçado sobre si mesmo, Deus animal monstruoso ou coisa enorme obstruindo o mundo.

São intoleráveis em função do poema de Deus, que consideramos justo e que as exclui.

As imagens atrozes ou intoleráveis nunca são totalmente suprimidas. São, no melhor dos casos, convertidas ou ultrapassadas.

A imagem consciente pode esconder a imagem inconsciente.

E a imagem escondida pode operar a perversão da imagem consciente de tal modo que esta se converte em suporte e justificação daquilo que esconde e que pode ser o que há de pior no homem.

A imagem pervertida de Deus, o Deus perverso, é para o homem a armadilha absoluta.

Porque fazer a verdade sobre Deus é para o homem fazer a verdade sobre ele próprio.

Porque é **no** e **pelo** nome de Deus que o homem, se agir em verdade, faz em si mesmo o trabalho decisivo de verdade.

EXERCÍCIO II

Respirar, comer, beber, acordar, passear, falar, amar, fazer, lutar, criar, viver.

E aí mesmo: escutar aquilo que pode entoar um poema, antigo ou novo.

E nesse mesmo acto, assumir o risco do nosso próprio canto — qualquer que seja o seu tom e a sua mensagem.

Maurice Bellet

in «Theologie Express»

Desclée de Brouwer, 1980